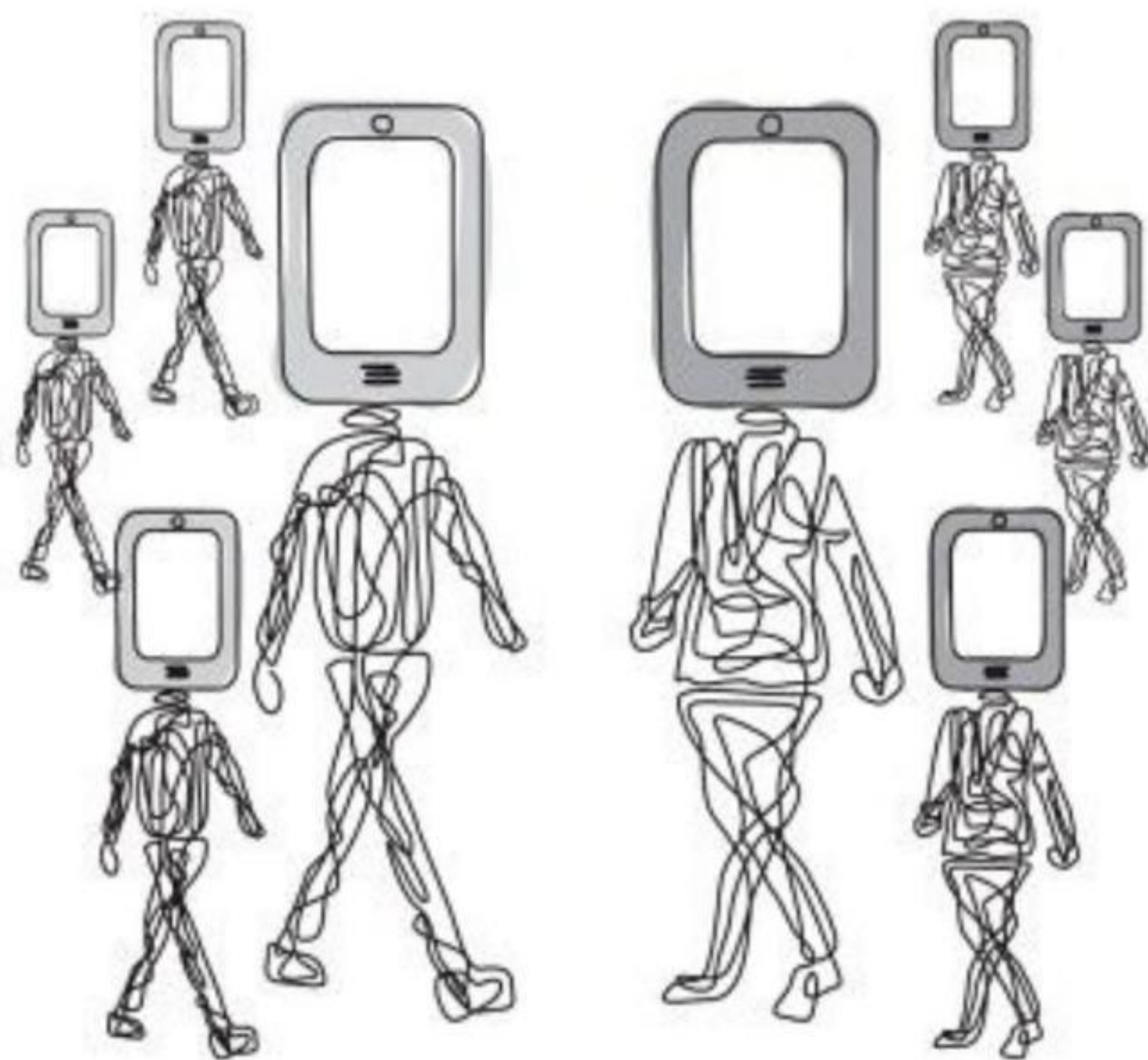


ANDRÉS BRUZZONE

CIBERPOPULISMO

POLÍTICA E DEMOCRACIA
NO MUNDO DIGITAL



editora**contexto**

Copyright © 2021 do Autor

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Montagem de capa e diagramação
Gustavo S. Vilas Boas

Coordenação de textos
Luciana Pinsky

Preparação de textos
Lilian Aquino

Revisão
Bia Mendes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bruzzone, Andrés
Ciberpopulismo : política e democracia no
mundo digital / Andrés Bruzzone. – São
Paulo : Contexto, 2021.
228 p.

Bibliografia
ISBN 978-65-5541-064-8

1. Comunicação 2. Ciência política 3.
Populismo 4. Democracia 5. Mídias digitais
I. Título

21-1406

CDD CDD 302.2

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Índice para catálogo sistemático:
1. Comunicação social

2021

EDITORA CONTEXTO



Sumário

INTRODUÇÃO

HOMO COMMUNICANS

Ubuntu: sou porque somos

O tamanho do mundo

O novo ecossistema da mídia

Tiranossauro rex 2.0

Destinos em xeque

Usuário ou produto?

Uberizados

A fórmula Netflix

CIBERPOPULISMO, O NOVO NOME DA POLÍTICA

Populismo, uma definição

Populismo + digital = ciberpopulismo

Democracia ameaçada: EUA

Democracia e comunicação

Vício sem substância

Indignados.com

Novos atores, velhas tensões

Populismos de esquerda e de direita

Valores

Paradoxos da liberdade

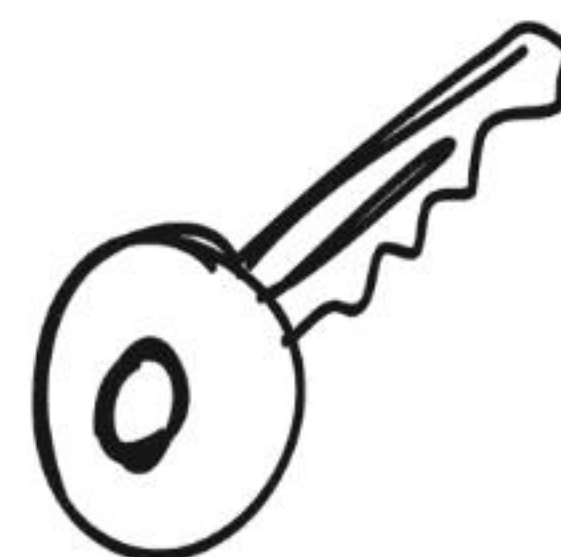
Como será o amanhã

O Brasil partido

CONCLUSÃO – A LIBERDADE É PLURAL

O AUTOR

AGRADECIMENTOS



Introdução

“[...] e a alma não pode existir sem sua outra parte que se encontra sempre em um ‘você’.”

C. G. Jung

Uma convicção pode ser a mais perversa das prisões. Quando o que sei não pode ser questionado, escuto apenas aquilo que confirma o que acredito. O que é diferente recuso. Quando tenho toda a razão e o outro, nenhuma, não existe diálogo. Preso às minhas convicções, reduzo a possibilidade de pensar. Não há como aprender sem estar disposto a mudar de ideia, e para mudar de ideia é preciso aceitar que minha convicção pode estar errada.

Polarização é quando duas convicções opostas ocupam todos os espaços do debate político. Quando a política se transforma em mero embate entre posições que se excluem, sem pontos de encontro nem terreno comum. Quando não há adversário, mas inimigo. As alternativas, aquelas posições que não se encaixam em nenhum dos dois lados, são postergadas ou negadas. O debate se faz impossível. É como se as mensagens transitassem por canais paralelos ou fossem ditas em línguas diferentes: eu falo em aramaico, você responde em sumério. Pior:

a língua é a mesma, as palavras são iguais – mas significam coisas diferentes dependendo de quem diz.

Paramos de escutar, não interessam os argumentos. Deixa de importar o que é dito, importa *quem* disse: se foi alguém que é da minha posição, vou defender sem questionar. Mas, se for do outro lado, nego e rebato. Trocam-se palavras de ordem e memes, há menosprezo pelo argumento. Quem não está alinhado com uma das duas posições dominantes não tem voz: o que disser será entendido como apoio ou crítica a um dos dois polos. “Se você não concorda comigo está fazendo o jogo de X”. “Você diz isso porque no fundo você é Y”. As ideias se impõem por relação de força – não a força da razão, mas a razão da força. Quem grita mais leva. As posições são sempre no branco ou preto, não existem nuances. É a morte das ideias, o fim da inteligência.

O bom senso é a coisa mais bem distribuída do mundo: nunca ninguém reclama de ter recebido pouco, disse o filósofo francês René Descartes no início de seu *Discurso do método*. Com as ideologias ocorre algo semelhante: nunca ninguém se queixa de ter o juízo distorcido pela própria ideologia. O viés ideológico só afeta os outros. Jamais nos questionamos: será que eu também não estou vendo a realidade? E se o que para mim é tão óbvio for produto de uma ideologia que não me permite ver diferente? É tão claro e tão evidente que não há espaço para dúvidas – e isso é muito perigoso.

Pluralismo democrático exige confrontação e debate. Em toda sociedade há necessidades contraditórias que precisam ser resolvidas, e a democracia é o sistema de governo que permite encontrar soluções negociadas aos conflitos. Como se distribui a carga de impostos, que impacta na distribuição da renda; se é direito de uma mulher abortar ou se cabe ao Estado a proteção de um feto; se haverá um pacote de ajuda ao grupo mais prejudicado por uma crise ou se irá se apoiar um setor da economia. É necessário estabelecer prioridades entre atividades essenciais: fazer mais hospitais ou mais escolas, melhorar a infraestrutura logística

para exportações, promover a ciência, apoiar o desenvolvimento tecnológico... Sociedades mais maduras têm acordos mais estáveis que aquelas onde as tensões ainda precisam de muitos ajustes. Mas o sistema de regulação da democracia é flexível e instável: as tensões nunca desaparecem e, por isso, novas soluções são sempre necessárias. O debate pode ser acalorado e se fazer visível em ruas ocupadas por manifestantes, em greves e em discussões ou até mesmo brigas entre os representantes eleitos no congresso. Essa fricção permanente, que pode parecer ruído e confusão, é a sustentação que mantém vivas as sociedades democráticas. Onde não há debate, os conflitos foram sepultados por uma força maior: a opressão de uma classe, um modelo de controle político ou ambos os fatores combinados. Por isso, democracias saudáveis são barulhentas e dinâmicas, nunca silenciosas ou estáticas.

Em democracia, o debate ocorre entre adversários, nunca entre inimigos. A diferença é sutil e importante. O inimigo não tem legitimidade, é aquele que deve ser aniquilado para que não me aniquile: a sua existência me ameaça, mas sobretudo ameaça o espaço comum e a possibilidade mesma de debater. Já entre adversários há um acordo de preservação daquilo que é compartilhado, do lugar em que o debate ocorre, e há um reconhecimento recíproco que é anterior às diferenças e que precisa ser mantido.

O debate morre quando é substituído por uma lógica de inimigos que se opõem. A única forma de preservá-lo é não se rendendo a essa lógica binária dos polos opostos, desmontando a armadilha, expondo seu mecanismo e praticando a escuta honesta e a explicação paciente. Não é fácil quando uma força política se define pela morte do diálogo. A sociedade democrática se pergunta: qual o limite da escuta quando o outro quer me calar a qualquer custo? Partidos fascistas usam os mecanismos democráticos para ocupar espaços de poder e, então, minar a democracia de dentro dela. Regimes autoritários nascem e se desenvolvem usufruindo da liberdade de expressar seu ideário de ódio e

crecem e se alimentam da polarização. Isso coloca os democratas numa situação paradoxal: a força que ameaça a democracia deve ser contida. O perigo, quando as democracias impõem limites aos autoritários, é se converterem naquilo que estes querem fazer delas.

Uma sociedade polarizada se torna mais burra, mais autoritária, menos democrática. O Brasil é exemplo disso. Um país rachado onde a polarização colocou no poder um governo fascista que hoje a promove e cultiva. O bolsonarismo nasceu da substituição de um debate político plural por uma lógica PT/Anti-PT. O PT era o inimigo que devia ser tirado do poder, sem importar que o preço fosse violentar as instituições ou mesmo votar em um defensor confesso de regimes autoritários. A política passou a se definir por dois polos que atraem e afastam com intensidades semelhantes: PT/Anti-PT ou Bolsonaro/Anti-Bolsonaro. A dinâmica dos uns contra os outros domina. Ficaram para trás o mito do país cordial, a gentileza, a agenda comum capaz de elevar o país ao patamar de uma das grandes nações do planeta. Perderam espaço o diálogo e a concordância. As vozes do meio são abafadas pelos gritos do extremo. Liberou-se uma torrente de ódio, de violência e de intolerância que arrasa com os espaços comuns de pensamento.

O fenômeno não é apenas brasileiro: o mundo foi tomado por posições extremas, toscas e primárias. As explicações e teorias sobre o porquê disso levam em conta vários fatores: a evolução do capitalismo após a queda do muro de Berlim, a mudança nas relações de produção fruto da tecnologia e a precarização dos trabalhadores e dos movimentos operários; o fracasso das promessas de progresso permanente do que se chamou “o sonho americano”; os grandes deslocamentos populacionais e as tensões sociais por eles provocadas em países centrais; a globalização e a entrada em cena de pautas identitárias que questionam modelos e valores tradicionais. Isso tudo alimentando sentimentos de insegurança e frustração, de perda de garantias e de incerteza sobre o futuro. Os fatores são muitos e diferentes teorias abundam. Mas o elemento primordial que

ninguém pode ignorar é a comunicação.

A capacidade de pensar e agir coletivamente é um dos grandes diferenciais da espécie. Somos seres comunicantes e nossa vida com os outros está definida pela forma como nos comunicamos, por isso a matéria-prima da política sempre foi a comunicação. Cada avanço nas tecnologias de comunicação teve consequências fortes na forma de organizar as sociedades. Por exemplo, os jornais impressos estão na origem da democracia e o advento da propaganda política está associado ao nascimento do rádio. Mas nunca o papel da comunicação foi tão determinante como é hoje.

Para um cidadão do século XXI, boa parte da vida transcorre no mundo virtual e está ligada às novas tecnologias. Acordamos com o alarme do celular. Consultamos mensagens antes de tomar o café da manhã. Lemos as notícias no *tablet*. Treinamos na academia com os fones de ouvido, olhando para a tela da TV. Fazemos reuniões virtuais. Criamos documentos e os encaminhamos para nossos colegas, clientes, chefes. De carro ou patinete solicitados por aplicativos, chegamos ao restaurante, para ocupar a reserva feita com o atendente virtual. Por uma rede social, compartilhamos fotos de nossa comida enquanto curtimos as paisagens publicadas por amigos e nos alegramos pelos momentos felizes da família. Numa outra rede social, nos indignamos, opinamos, participamos da vida política. Atualizamos nosso perfil profissional acrescentando o curso on-line que acabamos de fazer. Antes de chegar em casa, conectamos os sistemas de luz, som e aquecimento pelo assistente que nos fala e nos escuta. Pedimos comida, transporte, flores de presente... apenas apertando botões virtuais de uma tela tátil. Assistimos a um seriado ou filme. Fazemos amor com música que nos chega por um serviço de *streaming* e dormimos com o som relaxante de um aplicativo de meditação.

Se esse retrato reflete a vida de alguém bastante tecnológico e privilegiado, o impacto das tecnologias de comunicação não é menor no

campo, no deserto, nas regiões mais afastadas – talvez seja até maior. Pescadores artesanais têm sua navegação orientada por aplicativos, as previsões meteorológicas por satélite auxiliam os camponeses do altiplano peruano, os massais usam seus smartphones enquanto percorrem com suas vacas as longas distâncias da savana africana. Mais próximos de nossa realidade, entregadores de pizza, motoristas de Uber, professores de ginástica, vendedores, prestadores de serviços domiciliares dependem hoje de dispositivos de comunicação. Não existe atividade humana que não tenha sido alterada pelas novas tecnologias e hoje é inconcebível alguém não possuir um endereço de e-mail, um número de celular ou acesso à rede.

As novas tecnologias da comunicação mudaram radicalmente também a forma de nos relacionarmos com a política. Desde o modo como acompanhamos as notícias – por sites e/ou aplicativos – até os meios disponíveis para manifestar descontentamento ou fazer petições, o mundo digital abriu novas formas de participação e mudou – e está mudando – as regras do jogo de poder. Algumas mudanças foram positivas, outras não. Entre as inovações que a comunicação digital em rede incorporou na política está o ciberpopulismo. A combinação eficiente de técnicas de propaganda do século XX com as possibilidades abertas pela tecnologia no século XXI já mostrou sua capacidade de causar alterações estruturais nos países e na geopolítica.

A base do ciberpopulismo é o populismo, que na essência é um esquema narrativo a serviço da tomada e da manutenção do poder. O modelo é simples: há um inimigo que deve ser derrotado, um povo que deve ser salvo e um líder capaz de fazer isso. No relato populista, quem é o inimigo pode mudar de acordo com a necessidade: podem ser os imigrantes, os judeus, os esquerdistas; ou o império ianque, as oligarquias, o *establishment*... Este relato é antigo e tem servido a muitos demagogos, independentemente da ideologia: o populismo serve bem a governos de direita e de esquerda. Mas ainda que não seja uma ideologia,

é filho de uma posição ideológica em que algumas formas da direita se encontram com algumas formas da esquerda: a dos opostos que se excluem, uma visão binária do mundo em que há somente amigos e inimigos. Quem tenta pensar fora dos polos dificilmente será ouvido e certamente não terá espaço nos grandes debates. Em um mundo em preto e branco, não há lugar para o cinza – nem para o rosa, o verde, o azul...

O mantra de um populista é: *nós* temos toda a razão, *eles* não têm nenhuma. Não apenas os populistas pensam assim – mas eles é que fazem desse mantra o sustento de uma forma de fazer política. O contrário do populismo é o pluralismo, a crença de que não há duas visões únicas do mundo. Pluralista é quem entende que a verdade não se obtém derrotando um inimigo, mas que é o resultado de um processo construído a muitas vozes. Ser pluralista é aceitar que a verdade nunca é definitiva, que está sempre em construção. Mentos simples exigem explicações simplistas em que não cabe a complexidade de um mundo cheio de nuances e em mudança constante. Por isso, o mundo de um democrata é mais rico que o de um populista.

* * *

Este livro se compõe de duas seções. Na primeira, a questão central é a comunicação, como era e como é e de que maneira define nosso comportamento e nosso lugar no mundo como indivíduos e como sociedades. Na segunda, o foco está na construção de uma nova realidade da política a partir do encontro de técnicas muito antigas de conquista do poder com as mais modernas tecnologias da comunicação. Interessam especialmente as consequências, na forma de polarização social e crescimento das posições de extrema direita, e os riscos para a democracia. Por fim, analiso as possíveis saídas para os impasses que nos

preocupam: menos democracia, mais intolerância, retrocessos na inteligência e na sabedoria de algumas nações, entre elas o Brasil.

Começo, então, abordando a comunicação humana e sua função na construção dos indivíduos e das sociedades. As teorias da comunicação do século XX, que serviram para entender os meios de comunicação analógicos, não servem para a realidade – dinâmica e muito mais sofisticada – do século XXI. Por isso, recorro a novas ferramentas teóricas, capazes de mostrar como o novo paradigma da comunicação mudou o que é ser humano. *Homo communicans* é um conceito construído com base na Filosofia da Comunicação, com apoio da Antropologia, da Psicologia e da Sociologia.

Para compreender o lugar que ocupam os gigantes tecnológicos da informação e até que ponto eles influenciam o curso do mundo, o livro aborda o nascimento e a evolução do chamado sistema dos *mass media* e sua relação com democracia e capitalismo, além da história da cultura e a teoria dos meios. Analiso a questão também por um ponto de vista mais prático: a experiência de mais de três décadas como jornalista, executivo, consultor e empresário.

Toda a pesquisa sobre a comunicação e como ela define o ser humano, combinada com uma visão estrutural dos meios, permitirá discorrer, em seguida, sobre a democracia em tempos digitais, na segunda seção. Veremos como a comunicação digital em rede se encontra com o antigo populismo para dar lugar a uma ferramenta poderosíssima e perigosa: o ciberpopulismo.

Este livro mostra, finalmente, como a extrema direita abusa das liberdades que a democracia oferece, sempre com um olhar que leva em consideração as consequências da evolução tecnológica.

Algumas questões funcionam como fio condutor e são respondidas ao longo dos capítulos:

- Como entender a comunicação, hoje, na era dos meios

digitais?

- De que maneira a nova comunicação influencia como as pessoas se relacionam entre si, pensam e conduzem suas vidas?
- Qual o impacto da comunicação atual nas democracias?
- Qual é hoje o papel dos meios de comunicação (novos e antigos) e dos partidos políticos?
- O que é ciberpopulismo? Como funciona?
- Quais são os novos atores políticos filhos do ciberpopulismo?
- Em que mudou a maneira de votar e qual o papel dos valores nessa mudança?
- Por que o Brasil está polarizado e quais os riscos dessa polarização?
- O ciberpopulismo resulta necessariamente em governos intolerantes e autoritários ou é possível criar alternativas democráticas a partir dele?
- Como sair da armadilha da polarização?

Para chegar às respostas dessas perguntas é necessário mobilizar várias disciplinas e saberes, dada a complexidade do assunto. Somente uma abordagem multidisciplinar e um percurso abrangente permitem dar conta de um fenômeno tão dinâmico e extenso quanto o da comunicação e suas consequências políticas e sociais. O objetivo é que o leitor ou a leitora tenham elementos para formar sua própria visão crítica. Poderá ou não concordar com as conclusões, mas isso não é um problema. A verdade é plural e pontos de vista diferentes enriquecem a nossa compreensão do mundo.



Homo communicans

“E eu faço questão de ser no meu Que cabe tu, e é só teu.”

Anavitória

Subo em um Uber e algo chama a minha atenção: o motorista tem apenas uma perna. Pergunto o que aconteceu e ele, sem se incomodar, conta do acidente, com uma betoneira de cimento, quando era ainda jovem. Relata que viu a perna sendo triturada e que os colegas o resgataram e o levaram para o hospital. Eu explico, então, o motivo de meu interesse: com um filho morto anos atrás, sempre achei que a minha situação era parecida com a de quem perdera uma perna: aprende-se a andar e ainda assim nunca será igual, a vida segue. Falamos sobre a justiça ou não de aquilo ter acontecido com ele (“por que não?”, me diz sabiamente), sobre ser diferente, mas ainda assim ser capaz de se casar (duas vezes) e ter filhos (três). A viagem levou mais de uma hora e houve tempo para falarmos sobre aceitação, sobre a escolha de lidar com os fatos mais difíceis sem autocompaixão. Houve muitos pontos de concordância e eu aprendi com a experiência daquele homem.

Costumo conversar com os motoristas, muitas vezes sobre o trânsito ou o clima: é fácil concordar sobre fatos pontuais. A cada dia, eles

compartilham as mesmas considerações com passageiros, que são intercambiáveis como as opiniões, que são as mesmas ou muito parecidas. Mas se o assunto recai sobre política ou religião, aumenta a chance de a conversa se tornar menos consensual: podemos estar de acordo que a qualidade dos políticos brasileiros é ruim, mas ele pode defender uma intervenção militar e eu ser a favor de mais democracia. Se a viagem for longa e o espírito, adequado, podemos falar sobre liberdade e justiça – e eventualmente chegarmos a um acordo. Dificilmente serei original: minhas opiniões serão próximas das de outro passageiro, que veio antes ou virá depois de mim. Mas o diálogo com o motorista de uma perna foi diferente.

Algo muito especial aconteceu naquele carro. Cada um foi único, singular, com sua história e suas experiências: o que se chama de comunicação entre existências e encaminha a explicação da primeira das questões deste livro: Como compreender a comunicação na era digital?

Não se tratará ainda de tecnologias digitais ou de redes informáticas. Antes de discutir os meios com os quais nos comunicamos, será necessário entender o que é *se comunicar*. Como e por que a comunicação define aspectos fundamentais da vida e o que é esse milagre pelo qual aquilo que está na minha consciência pode não apenas atravessar as barreiras do tempo e do espaço, mas também e sobretudo as da consciência individual. Para isso a Filosofia da Comunicação desenvolveu definições e modelos que relacionam comunicação com existência: o ser humano é um ser comunicante, a sua existência depende disso.

Comunicação é, então, uma condição do ser humano: não é uma habilidade, não é uma ferramenta, não é um mecanismo. Assim como a liberdade e a história, ela é um dos elementos que fazem do homem, homem. Para que um ser seja considerado humano são necessários alguns elementos: não basta um corpo com certas características, é preciso que tenha capacidade de sentir, pensar e aprender modelos de

profundo e significativo, entre duas subjetividades. O mais íntimo de duas pessoas, o que poderíamos chamar de alma, que se tocam, se apoiam, contribuem mutuamente a ser. A mãe que ajuda a menina a dar os primeiros passos, o professor guiando a mão do discípulo, os amantes conversando por horas, o casal que chora abraçado ao túmulo do filho. Não se trata de um “eu”: é um “tu” e um “nós dois”, uma doação de ser que transcende limites e supera distâncias insuperáveis, valha o paradoxo. Não estamos sós, porque há o próximo, aquele que é parte do que somos, aquele que faz a vida conosco. É a comunicação do amor em muitas de suas manifestações possíveis, que acontece em formas de comunicação que não visam ao estado de coisas do mundo nem ao acordo racional sobre conceitos, mas algo que está na matéria mesma do que somos, cada um de nós, como indivíduos.

Sabemos o que comer, como fabricar ferramentas, roupas, remédios, casas por causa da comunicação pragmática. A comunicação racional nos oferece as instituições: governo, justiça, economia, teorias que evoluem e permitem desenvolvimentos técnicos que depois se transformam em comida, ferramentas, roupas, remédios, casas... A comunicação de consciências nos torna pessoas responsáveis, cidadãs, nos permite construir identidades políticas coletivas e conceitos que vão muito além do indivíduo.

A comunicação faz nosso mundo e nos faz pessoas. Isso pode ser compreendido melhor saindo das fronteiras do nosso pensamento ocidental, aquele que conjuga Atenas com Jerusalém e do qual somos herdeiros. Existem outras formas de se aproximar do humano e uma delas, vinda da África, resulta muito pertinente para nossa discussão.

UBUNTU: SOU PORQUE SOMOS

Umuntu ngumuntu ngabantu (“Uma pessoa é uma pessoa por meio

humanos. Por isso, mudanças na maneira de nos comunicarmos têm consequências na política, na religião, na ciência e até mesmo no mais profundo de nossa consciência.

Comunicação é a capacidade de construir saberes plurais e de desenvolver nossa individualidade junto com os outros. Dito de outra maneira: de fazer meu “eu” participar de um “nós”. Ou de vários “nós”. Sou parte do coletivo dos homens brancos heterossexuais, dos velejadores e dos pesquisadores em Filosofia, dos estudiosos da comunicação, dos brasileiros nascidos fora, dos argentinos que migraram... Coletivos que atravessam as nações e as épocas me aproximam de gente que não conheci nem conhecerei, pois algumas morreram há séculos. Para cada leitor ou leitora é igual: há coletivos que contêm a individualidade e a moldam de certa maneira, mas nunca totalmente; não basta um coletivo para definir uma pessoa.

Todo “eu” emerge de um “nós” ou de uma confluência de vários “nós”. Nascido em um momento do mundo e em uma cultura, participo de crenças que chegaram a mim sem que eu as escolhesse ou questionasse. Com o passar do tempo e da experiência, devo fazer as minhas escolhas: descartar algumas crenças e reforçar outras. Assim posso mudar o meu ponto de vista sobre um aspecto da vida, ou decidir entre três, dois ou mais pontos de vista contrapostos ou diferentes.

É fácil compreender esse processo no plano político: nasci em um lar comunista, mas em algum momento da minha adolescência comecei a questionar as crenças e as convicções de meu pai, até constituir as minhas próprias... deixei de me definir, nesse plano, por um “nós” familiar e passei a integrar o “nós” de um outro partido político e de uma outra geração. Ser adulto é se fazer responsável pelas próprias ações, mas ser autônomo é se responsabilizar pelas crenças e convicções. Não é tarefa fácil: nada mais difícil que mudar de ideia; exige muita coragem e muita força. Só os espíritos verdadeiramente livres conseguem, e nunca sem esforço. Exige dar mais peso e mais valor ao próprio olhar que ao olhar

dos outros. Mas nunca se trata de um processo solitário: a individuação ocorre sempre no encontro, na relação. Assim, paradoxalmente, para eu ser realmente indivíduo, preciso dos outros.

Saber e crença são conceitos muito próximos, separados por uma fronteira tênue. Um saber é uma crença compartilhada com outros, sem lugar para questionamentos, uma crença estabelecida com valor de verdade para além das dúvidas. Seu fundamento pode ser uma religião (e então se chama fé), uma ciência ou uma tradição. Quando você questiona um saber alheio e diz que é uma crença, costuma receber respostas duras. Se eu colocar em dúvida a santidade do Profeta, corro o risco de ser morto; se duvidar da virgindade de Maria, serei excomungado. Se questionar a autoridade do juiz, serei preso; assim como se decidir sair pelado pelas ruas ou queimar uma bandeira nacional. Dizer “Acho que te amo” não basta à minha namorada: ela precisa *saber*.

Os saberes são tão enraizados que quem acredita neles não consegue imaginar que possam ser questionados: têm valor absoluto. Quando estamos dentro de um saber não nos é dado ver as suas fronteiras, os seus limites. Um exemplo curioso é o do saber científico: quem o pratica muitas vezes não percebe a contradição que há no fato de se acreditar cegamente na ciência e na razão como as únicas possibilidades, inquestionáveis, de se conhecer o real. Como ocorre com uma religião, se eu questionar a infalibilidade de uma ciência, ou os limites da razão, serei taxado de obscurantista. Mas essa mesma ciência pode ter dito o oposto do que ensina hoje, apenas alguns anos atrás.

Antes da revolução copernicana, que deu origem à ciência moderna, era certo crer que a Terra era plana: era um saber, não uma crença, e quem achasse o contrário estava equivocado. A ciência antiga provava com observações as suas teorias, criava modelos, fazia previsões corretas a partir do saber da época; era ciência, havia dados empíricos – e afirmava que a Terra era plana. Hoje surpreende que alguém possa acreditar que a

Terra não é esférica: sabemos que ela é. Mas existem os chamados terraplanistas: gente que defende que vivemos em um mundo tão plano quanto a mesa onde eu escrevo. Perante um caso individual de terraplanismo pensamos estar diante de um louco ou um imbecil; mas são milhões (11 milhões apenas no Brasil) as pessoas que compartilham essa crença, gente que tem uma convicção absoluta de seu saber a respeito. Isso significa que há algo de novo acontecendo e devemos prestar atenção. Em que momento os terraplanistas terão direito a exigir que as suas teorias sejam ensinadas nas escolas? Qual o argumento que não seja dogmático para refutar essa exigência? E se eles virarem maioria?

A crença de uns poucos pode se transformar em saber de muitos e isso se chama quebra de paradigma ou revolução. A Revolução Francesa, a abolição da escravatura, a criação da Organização das Nações Unidas e a educação universal são mudanças que nasceram da crença de alguns, levada ao patamar de saber comum depois de muitos esforços, luta e resistência. São casos que mostram a mudança ocorrendo a partir do indivíduo, ou de alguns indivíduos, para o conjunto de uma sociedade ou de uma cultura.

Mudanças nas convicções pessoais também custam trabalho e esforço. Dói deixar para trás uma convicção, pois nossas convicções nos definem e nos estruturam, e quanto mais profundas e arraigadas, mais determinam quem somos. É necessário que o coletivo mude de maneira muito firme para demover algumas pessoas de certas convicções e crenças e muitas vezes, quando isso não ocorre, é preciso haver uma mudança geracional para que a humanidade possa deixar para trás conceitos que precisam ser abandonados. A noção corriqueira de que os jovens querem mudar o mundo e os velhos são conservadores deriva, justamente, dessa dinâmica: uma pessoa mais jovem incorporou na sua formação um número comparativamente maior de crenças renovadas; o estoque de convicções antigas é menor. Mudamos individualmente com os outros, mesmo quando não percebemos, e a nossa mudança pessoal alimenta

mudanças maiores, nos coletivos que nos contêm e que ajudamos a construir.

Por isso tudo, o conceito de comunicação é muito mais rico e mais complexo do que o tradicionalmente ensinado nas escolas de jornalismo: um emissor que envia uma mensagem, um receptor que a recebe e a decodifica. Esse modelo simplifica demais um processo complexo, pois foi criado para descrever o que ocorre em aparelhos elétricos, como o telefone, o telégrafo, o rádio, e não para tratar da comunicação humana. O engenheiro Claude Shannon, da companhia telefônica Bell, nos Estados Unidos, descreveu esse modelo numa revista técnica² no fim dos anos 1940, para dar conta do funcionamento de aparelhos de comunicação.

Há diferenças relevantes entre o ser humano e o telégrafo ou o rádio. Uma delas é que aparelhos foram concebidos e fabricados com a única finalidade de enviar e receber mensagens, o que não é o caso do ser humano, que nem foi fabricado nem tem uma finalidade prática. O engenheiro teria um problema se o telefone tivesse liberdade; e, diferente de um homem, a história de um aparelho de comunicação se resume a um plano de desenho e um processo de fabricação.

Ainda, quando pensamos a comunicação em termos de dois sujeitos que trocam mensagens, estamos deixando de fora o fato de que é na comunicação que se faz a consciência. Eu escrevo aqui, o leitor lê, a mensagem passa por meio de um código comum... mas se o escritor e o leitor estão aí, é porque antes houve comunicação num sentido bem mais amplo e rico. Foi na comunicação que eles se fizeram, fazendo também este mundo em que coabitam. Quando Descartes diz “Penso, logo existo”, já há aí uma consciência, e essa consciência pensa em uma língua e com estruturas que ela não criou e acontecem a partir dessa condição do ser humano que se chama comunicação. A comunicação é anterior à consciência e a produz – o que não é verdade para um telefone ou um rádio, e por isso uma abordagem técnica do humano resulta insuficiente.